



## **As Imagens Rurais e a Busca do Bem Comum na Mensagem de Amós**

Erike Couto Lourenço<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho dedica-se ao estudo exegético-hermenêutico das diversas imagens rurais (agrícolas e pastoris) presentes no livro de Amós, parte integrante da crítica do Profeta às instituições políticas e religiosas que lhe eram contemporâneas. Por advir do cotidiano do próprio profeta e da classe à qual ele pertencia (o campesinato), essa imagética traduz concretamente a sua mensagem, apontando a realidade de injustiça social vivenciada pelos camponeses e denunciando a exploração que esses sofriam nas mãos dos ricos, governantes e sacerdotes de então. Desse modo, Amós se mostra comprometido com o bem comum de sua sociedade. Ver-se-á, enfim, que a realidade social apontada pelo profeta é semelhante em vários aspectos à nossa, o que torna sua mensagem denunciatória não somente aplicável, mas também necessária, à nossa sociedade atual.

**Palavras-Chave:** Antigo Testamento, Amós, imagética rural, crítica político-religiosa, bem comum

### **Introdução**

O Bem Comum, segundo a Doutrina Social da Igreja, é o “conjunto de condições da vida social que permitem, tanto aos grupos, como a cada um dos seus membros, atingir mais plena e facilmente a própria perfeição”, não consistindo em uma somatória de bens particulares, mas “um agir social” (DSI 164).

A economia, como parte significativa de nossa sociedade, deve ser “inspirada em valores morais”, nunca perdendo de vista “nem a origem, nem a finalidade de tais bens, de modo a realizar um mundo equitativo e solidário, em que a formação da riqueza possa assumir uma função positiva”, que inclui, entre outras coisas, a promoção do bem-estar dos homens e os povos, sem a exclusão ou a exploração deles (DSI 174).

Esse documento eclesial, tocando também na questão política, denuncia as “diversas formas de exploração, de opressão e de corrupção, que influem negativamente na vida interna e internacional de muitos Estados” e as “desigualdades” e “nefastas consequências de uma situação de injustiça de dimensões planetárias, destinada a repercutir muito negativamente até nos próprios países atualmente mais favorecidos” (DSI 192).

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bacharel em Letras (Grego Antigo) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista CAPES. E-mail para contato: erike.teologia@gmail.com.



O documento continua, afirmando que tradição profética “estigmatizou as fraudes, a usura, a exploração, as injustiças manifestas, frequentes em relação aos mais pobres”, citando, dentre outros, Amós como pertencente a essa tradição. Como, porém, essa mensagem foi transmitida por Amós?

Segundo John Gabel e Charles Wheeler, a Bíblia é “um conjunto de escritos produzidos por pessoas reais que viveram em épocas históricas concretas [...] e que usaram suas línguas nativas e as formas literárias então disponíveis para sua autoexpressão” (GABEL; WHEELER, 1993, p. 17). Dentre os meios utilizados pelos autores bíblicos para se autoexpressarem estão as imagens retiradas das atividades agrícola e pastoril, setores basilares nas sociedades humanas da Antiguidade. Porém, diferentemente das atuais, em que a mecanização e a industrialização distanciaram os cultivadores e os consumidores das lavouras, nas sociedades antigas não havia esse distanciamento: a agricultura e a pecuária eram parte indissociável da vida diária deles. F. Gonçalves afirma que “desde a invenção da agricultura até à segunda metade do século passado, os habitantes da Palestina viveram fundamentalmente do cultivo da terra e da criação de gado” (GONÇALVES, 2015, p. 59). Foi esse o ambiente do profeta Amós. Milton Schwantes diz que “o trabalho e sobrevivência obedeciam, nos dias de Amós, a relações peculiares. São distintas das de hoje, a começar pela predominância cabal da atividade agrícola. Quase todas as pessoas viviam do plantar e colher. [...] No campo vivia a grande maioria da população. [...] Sobrevivia-se do trabalho da roça (SCHWANTES, 2004, p. 17–18).

Os escritores bíblicos, em particular os autores de oráculos e visões proféticas como Amós, frequentemente extraíam dessa vivência diária, que era comum entre eles e sua audiência, o linguajar e a imagética (motivos, parábolas e padrões) para a fácil, mas poderosa, compreensão das mensagens que queriam transmitir (cf. TALMON, 2013, p. 171). Profetas do oitavo século, como Amós e Oséias, foram provavelmente os primeiros escritores agrários do mundo, seguidos, poucas décadas depois, pelo poeta-camponês grego Hesíodo, que assemelhava-se aos profetas bíblicos em suas queixas contra juízes e príncipes corruptos (cf. DAVIS, 2009, p. 120). Amós emergiu de um contexto de sociedade agrária, em que Israel e as nações vizinhas eram povos agricultores. Então, as metáforas que têm esse tema falavam diretamente à experiência de vida da audiência original de Amós (cf. BOYLE; DEMPSEY, 2015, p. 179).



## **1 O Profeta Amós**

Amós foi um dos primeiros profetas de Israel, tendo atuado no Reino de Israel por volta do séc. VIII a.C. Talvez ele, inicialmente, tenha sido pastor de ovelhas (Am 1,1), se tornando vaqueiro e, depois, devido às circunstâncias, talhador de sicômoros (Am 7,14). Portanto, ele era parte do campesinato pobre sob o rei Jeroboão II (786-746 a.C.), do Reino do Norte, e do rei Ozias, do Reino do Sul. Daí vinha o conhecimento agrícola e pastoril em seu livro (cf. SCHWANTES, 2004, p. 51–53, 103). Sua mensagem profética consistia na crítica aos maioraes do Reino do Norte, especialmente à realeza, que vivia em uma opulência proporcionada pela época de prosperidade pela qual passavam naquele período, ao mesmo tempo que oprimia as camadas menos abastadas da população, os mais pobres.

## **2 Amós e a Busca do Bem Comum**

Ze'ev Weisman, pesquisador israelense, juntamente com outros acadêmicos, entende que, devido à realidade social vivida pelos mais pobres e os necessitados na época de Amós, eles representavam o “justo” em seu significado ético-social concreto (WEISMAN, 2002, p. 115). As mensagens do profeta eram, portanto, muito claras nesse sentido: apesar de terem diversos outros tons (moral e espiritual, por exemplo),<sup>2</sup> elas visavam principalmente o bem comum de sua sociedade: Amós e outros “profetas e profetisas dos tempos bíblicos assinalaram que a relação dos humanos com o seu ambiente tem a ver sobretudo com justiça, paz e vida digna para todos, especialmente para as pessoas empobrecidas e famintas” (REIMER, 2006, p. 19), ao apontarem a exploração, a violência e a torção do juízo que elas sofriam pelas classes dominantes, cheias de ânsia por riqueza e licenciosidade desordenada (Am 2,7; 5; 7,10-12; 6,12; 8,4-6 etc) (cf. REIMER, 2000, p. 1; ROZEL, 2002, p. 114, SCHWANTES, 2004, p. 187).

Contudo, se compararmos sua mensagem a de profetas como Oséias, Isaías e Miquéias, seus contemporâneos, perceberemos que Amós focalizou mais que qualquer outro na injustiça social-moral, fazendo menos exortações sobre as transgressões relativas ao culto a Javé e mais às classes governante e religiosa. Não falta-lhe, ao criticá-los, o motivo ético-social de preocupação com os mais fracos. Assim, ele atinge “àqueles que vivem seguros no

---

<sup>2</sup> Para um visão geral das diversas correntes de interpretação da mensagem de Amós, cf. COIMBRA, 2007, p. 273–274; SICRE, 1984, p. 151–159.



monte de Samaria, que pensam que são os eleitos das nações”, mas não se preocupam com a subsistência e a paz da população de seu reino (Am 6,1-2) (cf. WEISMAN, 2002, p. 115).

### **3 Contexto Social, Político e Religioso de Amós**

Jaldemir Vitório explica que, à época de Amós, o Reino de Israel gozava de relativa prosperidade, resultada da situação externa e interna ao país. Externamente, a Assíria já não conseguia manter sob seu domínio os países vassallos, que paulatinamente suspendiam o pagamento do tributo devido a ela, trazendo-lhes maiores reservas. Dentre essas nações encontrava-se Israel. Em termos de política interna, a boa situação era devida ao longo e bem administrado reinado de Jeroboão II, que durou mais de quarenta anos. Como consequência disso, os aristocratas também se fortaleceram e ficaram mais ricos (cf. VITORIO, 2003, p. 127–128).

Esse enriquecimento da aristocracia trouxe também sofrimento aos agricultores e aos pastores, tornando suas vidas cada vez mais penosas, já que a cobrança de impostos não fora retirada de sobre eles. Ao contrário, a realeza nortista exigia-lhes cada vez mais das lavouras, dos frutos e do gado, com o objetivo de sustentar a opulência aristocrática, especialmente a cidadina. (cf. SCHWANTES, 2004, p. 199; VITORIO, 2003, p. 128). Como pertencente ao campo, Amós constituiu-se defensor de quem de fato trabalhava e produzia em sua sociedade, extorquido por um Estado opressor que, segundo Schwantes, era o “foco de atritos e a chave para a leitura dos profetas” (cf. SCHWANTES, 1982, p. 114).

Aqui entra a oposição que havia em Israel entre a cidade e o campo, perceptível também nas visões de Amós. Por exemplo, a expressão que o profeta usa “meu povo Israel” representa os maiorais do povo – compostos pelo “patriciado cidadão” de Samaria (3,9-11, 12, 13, 13-15; 4,1-13; 5,11; 6,1-7,8-11), militares (2,6-16; 5,1-3), sacerdotes (3,13; 5,21-27; 7,9, 10-17;9,1-4) e comerciantes (8,4-7) –, isto é, aqueles que ceifavam o “pequeno Jacó” (יִשְׂרָאֵל בְּיָ קֶטַח הוּא) (Am 7,2 e 7,5), outra expressão que ele usa para o campesinato pobre e oprimido (cf. SCHWANTES, 2004, p. 195, 199), que “diante destas instâncias cidadão-estatais, lutava por diminuição e extinção do tributo e pela abolição do trabalho forçado” (cf. SCHWANTES, 2004, p. 199).



Para reforçar a subjugação do campesinato, contornar o não-pagamento de tributos por esse e complementar a arrecadação de produtos rurais, o Estado utilizava outra instituição: o Templo e suas festas sagradas.

O templo é central na arrecadação de excedentes. Aí se junta, por ocasião das grandes festas da colheita e mediante a multiplicidade de ritos, a riqueza social camponesa. Justamente por isso, há estreita vinculação entre o santuário e o Estado. [...] Por desempenhar um papel tão decisivo no tributarismo, o campesinato continuamente contestou o templo. (SCHWANTES, 2004, p. 200)

## **5 A Imagética Rural na Mensagem de Amós**

Essa mensagem de Amós era veiculada, segundo Ze'ev WEISMAN (2002, p. 116) em uma combinação de “retórica dinâmica, formas diferentes de comparação e de linguagem parabólica, que focava chocar os ouvidos de seus destinatários” utilizando imagens rurais: prados dos pastores (Am 1,2); secas e pragas (Am 4,6-9); vinha e lavrador no juízo iminente (Am 5,16-17); gafanhotos e fogo (Am 7,1-6); cesto de frutos de verão (Am 8,1-2); fertilidade (Am 9,13,15); e cenas de caçadas e animais selvagens (Am 3,3-8 e 5,19) (cf. HUBBARD, 1996, p. 104). Essas metáforas agrícolas e pastoris, apesar de estarem presentes em toda Bíblia Hebraica, são especialmente abundantes no livro desse profeta, carregadas de uma mensagem acusatória contra as injustiças pelas quais ele e seu povo passavam.

Por exemplo, em Am 3,12 o castigo vindouro sobre os ricos de Samaria, que acumulavam violência e roubo em seus palácios, é comparado aos restos de um rebanho que, como presa, é resgatado da boca de um leão: “Assim como o pastor resgata da boca do leão duas patas ou pedaços da orelha, assim se salvarão os filhos de Israel, que habitam em Samaria reclinados em sofás e, em Damasco, em camas” (cf. WEISMAN, 2002, p. 116). Outra imagem é a das vacas de Basã (Am 4,1), uma sátira penetrante sobre as mulheres dos ricos de Samaria, que oprimiam o povo (cf. WEISMAN, 2002, p. 114).

Em Am 2,8 vemos um dos frutos preciosos dos agricultores, o vinho de uvas, sendo usado corruptamente pelos dirigentes: “eles tomavam vestes empenhadas junto a altares e bebiam vinhos dos que foram condenados”. Esse pecado se torna ainda mais grave porque as vestes eram, muitas vezes, de pobres que só as tinham, mais nada, e o vinho, o produto das vinhas dos pobres camponeses (cf. HUBBARD, 1996, p. 160). O comentarista judeu medieval Ibn Ezra, comentando quem eram esses “condenados” aqui, diz que eram aqueles



cujos dirigentes “condenavam, mesmo não possuindo nenhuma condenação”<sup>3</sup> (cf. ROZEL, 2002, p. 136). Por isso que, em Am 5,17, as vinhas, onde havia festas populares com alegria (como em Jz. 21;19-21), se transformam em lugares de pranto e clamor por causa das injustiças que eram cometidas ao povo (como em Is. 16,10) (cf. ROZEL, 2002, p. 161).

Já sobre o conflito entre o campo e a cidade, ele é motivo de quatro visões: a primeira em Am 7,1-3 e a segunda, em Am 7,4-6, nas quais aparece a vida campesina do lavrador (gafanhotos e seca pelo fogo respectivamente), ameaçada à destruição pelo juízo divino. Amós intercede a Javé, que lhe atende, cessa a praga e lhe envia outras duas visões, a terceira (Am 7,7-9) e a quarta (Am 8,1-3). Nelas, os temas são, respectivamente, o palácio-Estado (prumo sobre o muro) e o Santuário estatal (frutos de verão, símbolos da principal festa da colheita, no fim do ano agrícola) (cf. SCHWANTES, 2004, p. 35, 199).

Ainda sobre a primeira visão, uma explicação se faz necessária sobre a “ceifa do rei” (עֵי מֶלֶךְ) (Am 7,1): essa expressão é iluminada pelo *Calendário de Gezer*, antigo calendário agrícola do séc. X a.C. (cf. TALMON, 2013, p. 172) que possui a seguinte ordem: 1) mês da colheita, 2) mês da semeadura, 3) mês da semeadura/colheita tardia (שְׂקָרָה) (cf. ROZEL 2002, p. 172–173.). Essa última etapa é feita no inverno (cf. ROZEL, 2002, p. 172–173). O contexto social era o confisco feito pelo rei dos produtos do primeiro plantio das terras do lavrador: eles eram os de melhor qualidade, restando-lhes após isso somente a “colheita tardia” (שְׂקָרָה), que agora estava ameaçada pela praga de gafanhotos; entretanto, após a intercessão do profeta, ela é cessada (cf. SCHWANTES, 2004, p. 190).

Na segunda visão, a ameaça é maior: as águas do grande abismo, que fazem brotar os rios e mares (segundo a cosmovisão da época) são ameaçadas de secar-se completamente. Agora, não é somente o produto tardio (שְׂקָרָה) que pode ser ameaçado, mas também a própria herança, a terra arável (קֶלֶט, Am 7,4) dos agricultores, pode ser perdida. Aqui “Jacó” representa o campesinato, sendo “pequeno” (isto é, o menor das classes sociais da época), ameaçado de ficar sem condições para trabalhar e se sustentar. Assim, na primeira visão o que está em jogo é parte de sua produção, enquanto na segunda é a sua própria propriedade! Com a intercessão de Amós e a suspensão das pragas por Javé, ambos se tornam defensores dos camponeses, dos mais fracos, que eram explorados pela realeza e privados por causa das intempéries da natureza (cf. SCHWANTES, 2004, p. 191–193).

<sup>3</sup> Em hebraico, “שִׁיעֲנוּ מִי שְׂאִין עָלָיו עוֹנֵשׁ”.



Já a terceira e a quarta visões (Am 7,7-9 e 8,1-3) são diferentes das primeiras duas: elas não contêm ameaças (prumo e cesto de frutas), não há significado explícito nelas (Javé que as explica ao profeta), não ocorre intercessão nem a suspensão da destruição anunciada (“jamais passarei”) (SCHWANTES, 2004, p. 193). Elas apontam para o “fim” (frutos de verão, קָיִץ, parece o som de קָץ, “fim”, Am 8,2) sobre “meu povo Israel” (isto é, os dirigentes) (Am 8,2). Aqui, “cânticos” (שִׁירוֹת, 8,3), tal como escrito no texto massorético, possivelmente deve ser lido como “as que cantam” ou “cantoras” (שָׂרוֹת), isto é, servas cantoras do הַיְכָל, “palácio (real)” (Am 8,2) (cf. ROZEL, 2002, p. 180).

Assim, essas duas últimas visões, apesar de terem semelhanças com as duas primeiras visões no tocante às imagens agrícolas, são diferentes quanto ao objetivo delas: objetivam o implacável juízo vindouro sobre os mais abastados e dirigentes injustos do povo.

## **Conclusão**

Amós, um dos mais antigos testemunhos proféticos do antigo Israel, levantou sua voz contra a injustiça e a opressão que as classes dominantes majoritariamente urbanas – que incluíam o poder real e a nobreza em associação principalmente com o templo e o sacerdócio – exerciam sobre os mais pobres e fracos, compostos em sua maior parte por camponeses.

Como pode ser visto, essa voz profética apresentou-se em imagens vívidas retiradas do contexto rural, do qual ambos, profeta e pobres de seu povo, compartilhavam. Amós objetivava fazer os poderosos tomarem a consciência dos erros contra seus semelhantes mais fracos e levá-los a voltar à aliança de Javé com seu povo, fundada na justiça e em retos juízos (Am 5,24).

## **Referências**

- BOYLE, E. M.; DEMPSEY, C. *The Bible & Literature: Theology and Dialogue*. Nova Iorque: Orbis Books, 2015.
- COIMBRA, A. S. *Debate em torno da redação e composição do livro de Amós: Propostas fundamentais para a teoria da criação coletiva a partir de Amós 6,1-14*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.
- DAVIS, E. F. *Scripture, culture and agriculture: an agrarian reading of the Bible*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2009.



- GABEL, J. B.; WHEELER, C. A Bíblia como literatura: uma introdução. Tradução Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993. v. 10
- GONÇALVES, F. J. O imaginário bíblico e o mundo rural mediterrânico. Cadernos ISTA, n. 30, p. 57–90, 2015.
- HUBBARD, D. A. Joel e Amós: Introdução e Comentário. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1996.
- MAOZ, R. התפיסה של מקצב העונות החקלאיות מתקופת המקרא ועד סוף תקופת התלמוד (A concepção de ciclos de estações agrícolas desde a época bíblica até o fim da época talmúdica) (Dissertação). Ramat-Gan: Universidade de Bar-Ilan, 2002.
- REIMER, H. Sobre economia no antigo Israel e no espelho de textos da Bíblia Hebraica. In: REIMER, I. R. *Economia no Mundo Bíblico: Enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Paulo: Sinodal, 2006, p. 7-32.
- \_\_\_\_\_. Amós, profeta de juízo e justiça. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, n. 35–36, p. 171–190, 2000.
- ROZEL, N. Amos. In: GALIL, G.; STERN, E. (Ed.). . Trei Assar (Profetas Menores) (Volume 1). Olam Hatanakh (O Mundo da Bíblia). 1. ed. Tel Aviv: Divrei Hayamim, 2002. p. 122–191.
- SCHWANTES, M. A terra não pode suportar suas palavras: reflexão e estudo sobre Amós. São Paulo: Ed. Paulinas, 2004.
- \_\_\_\_\_. Profecia e Estado: uma proposta para a hermenêutica profética. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, v. 22, 1982, p. 105-145.
- SICRE, J. L. “Con los pobres de la Tierra”: la justicia social en los profetas de Israel. Madri: Ediciones Cristiandad, 1984.
- TALMON, S. Literary Motifs and Patterns in the Hebrew Bible: Collected Studies. Winona Lake (Indiana): Eisenbrauns, 2013.
- VITORIO, J. “Os olhos do Senhor estão sobre o reino pecador” (Am 9,8): Profetismo e História na Pregação de Amós. In: FARIA, Jacir de Freitas. História de Israel e as pesquisas mais recentes. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 125-143.
- WEISMAN, Z. Mavo Lesefer Amos (Introdução ao Livro de Amós). In: GALIL, G.; STERN, E. (Ed.). *Olam Hatanakh: Trei Assar (O Mundo da Bíblia: Profetas Menores)*. 1ª ed. Tel Aviv: Divrei Hayamim, 2002. v. 1. p. 112–121. Hebraico.